

Assignase Rua da Ajuda Nº 16

A COMEDIA SOCIAL

Anno I

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº 12



Advertencia

De-se a quem quizer inserir artigos ou denuncias pella **Comedia Social**, se dirigir de preferencia a redacção - Rua do Rosario No. 13, Paudal, onde se recebem assignaturas.

Preço das assignaturas

CORTE E XTERIORE ☐ Para as Provincias

Anno ☐ 8 \$ 0 00
Semestres ☐ 4 \$ 5 00
Numero Avulso ☐ 200

Anno ☐ 1 \$ 10 00
Semestres ☐ 6 \$ 0 00

Proprietario

A **Comedia Social** tem por fim promover a educação do povo e uma regeneração physica, moral, intelectual e litteral, tornando-se mais util, mais digna, mais honesta, e habilitando por isso a todos a vida e a paz. O meio que emprega é a satyra, e a critica indolente dos vicios e abusos que corroem a nossa sociedade, da corrupção, da ignorancia, da miseria, da violação da propriedade e do descalabrismo. Na falta de uma deuses e de um humilde porão, sempre disposto de fôrça.



No palco.

— Que diabo me estás tu a soprar? Isto não está na peça.
— Eu bem sei; mas estou perguntando se sabes com certeza quando é que chega o Comediante?

A COMEDIA SOCIAL

Advocacia

O gerente da Comedia Social roga ás pessoas a quem tem enviado a folha e que não querem assignar, o especial favor de fazel-o saber no escriptorio da redacção.

Approvechando o ensejo, pede aos Srs. assignantes, que não recebem pontualmente a Comedia Social, hajam de participal-o no mesmo escriptorio, afim de serem dadas as necessarias providencias.

RIO DE JANEIRO, 21 DE ABRIL DE 1870.

O monopólio dos legistas.

1.

As questões importantes e pendentes devem de ser tratadas com a maior gravidade e circumspecção.

E por esse motivo que a Comedia Social, tendo de occupar-se do assumpto que intende altamente com o futuro do paiz, deixa do parte o tom galhofeiro que o peculiar aos periódicos de seu genero, e reveste-se da seriedade que o caso exige.

O publico não levanta a mal essa altercação dos usos e costumes estabelecidos e como sagrados, tanto mais que apenas uma de todas as culpas será destinada ao objecto a que alludimos. Contanto, pois, com sua benevolencia.

Dada esta explanação, de que não podiamos prescindir, entremos na questão.

O monopólio ou exclusivismo, no que quer que seja, é eminentemente odioso, e traz consigo desgostos, males, impossiveis, muitas vezes, de remediar e remover.

E ponto que, decente e conscienciosamente, não pode ser controversado. Só o fariam os espiritos obsecrados, e predominados por interesses de qualquer ordem que seja.

A despeito, porém, deste principio inconcusso, ou fallando mais appropriadamente, d'este verdadeiro axioma, o Brasil inteiro apresenta e contempla com a mais censuravel indifferença e impossibilidade, ostentar-se activo e sobranceiramente o mais escandaloso monopólio!

Mas, essa indifferença, essa impossibilidade de scio reaes?

Não, dizemos nós; é apparente, por quanto nos parece impossivel que aquelles que são desconsiderados, que não tem direito nos altos cargos do paiz, e que são justamente os que formam a grande maioria dos cidadãos de que trata a constituição do imperio, vejam com bons olhos o ostracismo a que são votados pela classe nauta que exclusivamente tem dirigido os nossos negocios publicos, desde o momento em que foram inscriptos em o numero das nações livres e independentes.

E claro que nos referimos á classe dos bachareis em sciencias sociais e juridicas; a esses homens que occuparam no passado, occupam no presente, e pretendem occupar no futuro todas as posições elevadas, todas as altas dignidades, uatando em torno d'ellas um circulo de ferro, que a nenhum progreço é dado transpor; a esses homens, verdadeiros senhores feudais, que, quando pela mais reprovada ambigão, pelo mais requintado egoismo, descompossem o merecimento e serviços de todos aquelles que não tem a superflua, a unica habilitação: — um pergamimão de bacharel obliu nas escolas do direito de S. Paulo e Pernambuco.

Em nossa opinião o desgosto é geral; existe, ainda que latente, e sendo apenas necessario, para que se manifeste com vehemencia e energia, receder um choque, e haver um orgão na imprensa, que stygmatisse, com

a precisa constancia e tenacidade, os males extraordinarios que o Brasil tem soffrido em consequencia de todos os poderes publicos estarem concentrados nas mãos dos bachareis em direito.

Esta missão, embora impraticavel, perigosa e arriscada, a Comedia Social a toma a si, protestando cumprir-a tão bem quanto permittirem suas forças e recursos.

Em artigos subsequentes tratarei do desenvolvimento pensamento que a domina, empregando a linguagem decalca, severa e preguiosa do quem, estando baseado no razão e no direito, sabe presar a dignidade sua e alheia.

Nada tendo que ver os nomes proprios com a questão, não declinaremos neither, nem mesmo indifferantemente, fallaremos em geral.

RECADOS DOS AMIGOS

Soneto.

C'és' ora! hu entre nós magoarias
De grande, pessoal, moito elogio
Na imprensa, no palestra, a quente e a frio,
Nos instantes, nas academias!

Não só isso! — Se se todos os dias
Mais de um soneto — no sabor esquivo, —
Que a si encaminha tem sempre á fio!

E é a luvre os dançar, — e hilares corearias!
Nossa isso! — Mas de um, sei, que, matuloso
Para toda a pa, te manda o que rubisco;

E assim mil sonatações despenda, aitoso!
E, Kasseplum, quadiu que então
Tento a copia ferebi, mas cuidadoso,

Pra osjomies mantulas logo! — E, fama isca!

Rue.

Apontamentos.

Sansa e grata illusão,
Tu és a felicidade,
Es a luz do liberdade
Na tenebrosa oppressão;
Es o magico clarão
De uma luz desconhecida
Que nos donna o cor do viol;
Es um sublime transporte:
Sem ti a vida é a morte,
Oh filha d'alma querida!

A matrona que foi bella
Vive na doce illusão
Que seu chapinho carão
Passou á mão uma estella;
Porém vede a cara d'ella,
(Passado antigo e rachado)
Que anda sempre rebocada
De pó de amor e caemim;
Tudo no mundo é assim,
Illusão, meoite e tudo!....

O velho calvo e rotundo,
Do tempo de minha avó,
Que se enfiou e pag chinó,
É namoro todo o mundo;
Vive no sonho profundo
Das illusões, esquecido
Do que tem envelhecido,
E que seu rosto enrugado
Traz em numero avultado
Mais pregas do que um vestido,

A moça feia e vaidosa,
Bajulada porque é rica,
Imagina e crênta fica
Que a requestam por formosa;
Vive enganada e ditosa
N'essa illusão permatente;
Tome o espelho palante
Embora a cara exquísita,
Elle diz: « Eu sou bonita,
Temo-me dito tanto gente! »

O poeta namorado,
Em versos devaneando,
Amado, seu bem, pintando,
Pinta um anjo sem peccado;
Vagando o poeta errando
No mundo das illusões,
Canta sonetas canções,
Cheios do amor e lamentos,
Que vão nas azas dos ventos
A's mais altas regiões.

Amulha, o anjo da terra,
A mais que Venus formosa,
A mais pura e virtuosa
De todas que o mundo encerra,
Quantas vezes não aberra
Das asserções do seu vate,
E, prima no disparato?
E, grosseira, é egoista:
— Ninguém, á primeira vista,
Julga o todo pela parte.

O vaidoso figurão,
De fidalguia comprada,
Que a seus pés suppe curvado
A nobre parte do nação,
Vive em completa illusão,
Como gaitas muitas cacholas,
Que jogam sermos patolas
Para um barro venerar,
Porque é rico o titular:
Seja o que fór.... Oca bolu!

O pobre honesto que espera
Com seu trabalho diario
Fallo ser millionario,
E, sabir da baixa enphera,
Se illudi coícho chimera,
Não vê que o homem honrado
(Quando nunca tem herdado)
Ou vive em mediania,
Ou trabalha todo o dia
Para comer um bocado.

A moça pobre e formosa,
Que quer casar por amor,
E que espera com fervor
Esta dita venturosa,
Vive crente e descuidosa
Num sonho grato e lagrimoso:
Tem ella o mato facelro
Para attrahir um manito;
Mas esse idem querido
Só se enanga por dinheiro.

Gregorio Mathias.

Quanto mais se vive mais se aprende.

Ovi muitas vezes de doctos politicos esta expressão «saber bem o portuguez» e conheço muito bem a lingua» e outras da mesma significação; ficava-me sempre certa obscuridade no espirito.

Diziam por exemplo n'uma roda—F. foi nomeado Presidente do tal provincia; ja lavrava logo um douto politico a sua sentença «saber bem o portuguez». E, vai ser nomeado ministro pleupolustariano em tal parte—outro douto politico dizia logo «conhece a fundo a sua lingua».

Quanto é o novo inspector da Alfandega? E. F. Oh! dizem logo outro douto politico, não conheço homem mais versado nas classicas; E, assim para tudo vinha a grammatica e lingua portugueza.

Ovo no meu acanilado, bestento eu dizia com meus botões: parava-me que para exercer funções que exigem conhecimentos tão veridicaes e qualidades tão espinhosas não basta saber o portuguez e ter lido os classicos.

Mas não ousava extender o meu extravagante pensamento por que a sentença produz sempre o effeito de um talismão: tudo curava a cabeça com ar respectoso.

Houvi um velho original em deu a deaffração do enigma: A politica d'esta terra, disse-me elle, é uma mera questão de palavras; tudo se resolve a palavras; o povo está acostumado a esta alimenta-

ção na verdade pouco substancial, mas com a qual vive contente.

Qualquer homem da cidade, da alfama ou da zona pretera lêr em discussões bem adubadas, a ter uma boa estadia de rockagem, uma boa escola para se matricular, ou um bom magistrado para fazer-lhe justiça.

Reduzindo-se pois a política a uma mera questão de palavras, está claro que o essencial é encontrar bem a significação e força de cada palavra e a maneira de arranjar-as o melhor possível.

Ali se vê pois que dizendo-se «sabe bem o português», não precisa dizer mais nada.

Soneto.

Lá vão obra, tentos.... boca aberta,
E os olhos bastante arregalados!
Ouvem-me, atentos, escutam calados:
Não falo em prosa, mas a coisa é certa.

A moça que co'o pejo se acoberta,
E tem olhos no chão sempre pregados,
E' hypocrita, e a tantas namorados
Quantos cabellis tem a mão aperta.

A viúva que é velha, o filho dissonante,
E pensa em filhos, a sós, n'uma união,
Não tem juízo, e perlo o mealheiro.

E o homem que em toda occasião
Falta em honra e mais honra sobranceiro,
Não tem discrição alguma, é um ladrão.

(Gregório Mathias).

Por Causa de Uma Cabeça de Peixe.

Por Manicó.

V

O afam com que o litterato Carnaúba requeria a Sr. Conega transformava-se de modo a deixar completamente abismado o Reverendo Cajazeira.

Aquella nutrona tão affavel criatura irritava-se agora com a melhor observação do veneravel sacerdote, e por mais de uma vez tivera impetos de separar-se da companhia d'este.

Uma questão gastronomicã veio precipitar os acontecimentos.

Em uma sexta-feira recebeu a dama dos pensamentos do folhetimista um bilheteinho, instigando-a a fugir de casa.

O dia amanheceu chuvoso, provavelmente haveria aguaceiro até a manhã seguinte, e o conquistador Carnaúba avisava a Sr. D. Claudemira de que as obras da noite a estavam esperando com um canto na proxima esquina.

Quando o tempo estava sereno, ficava a rua deserta ordinariamente ás 9 horas, e era mesmo natural supor que, chovendo a cantadas, não se encontrasse viva alma depois d'esse momento.

Em phrases ardentes falava o escrevinhador na sua paixão intensa, chamava a D. Claudemira a estrota polgar da sua existencia, enfeitava-se com a ventura que sonhava girar em companhia d'essa estrota que tinha ultrapassado o meridiano da vida, e até dava-lhe umas vagas esperanças de hymeneu.

Por outro lado, a modesta senhora esperava sem esforço prender completamente nos seus laços ajuivado camponês do folhetim.

Nesse dia, talvez com o fim de fazer o prudente senhor Conega perder as estribelas, mandava ella compor chamu para a janitor.

Peço em este que o meu sobrinho amigo não possa ver nem pintado, e até não acreditava existir quem pudesse comer semelhante cousa.

Imaginem como não ficaria surpreso o sábio patriarcal, vendo, depois da sopa, a pirrante matrona pôr-lhe defronte um prato com cabeça de chareu.

— Sr. D., exclamou o meu digno amigo, ficado vermelho como um pimentão ma-

dato, isto é de mais. Onde foi que vai comer-se cabeça de chareu?

— O chareu é peixe muito bom, e a cabeça sobretudo sabe a gaitas, foi a resposta da caseira.

— Chareu não se come, senão, chareu é coisa immonda, chareu não apparece em mesa do qualquer decente, cabeça de chareu é só para cães!

— Ora, deixe-se do flauto, Sr. Conego; este peixe é excellenté, e tratado então por minhas mãos....

— Nem tratado pelas suas mãos, nem peis de qualquer outra pessoa.... Isto para nada presta!

— Pois lá de comer esta cabeça, ou eu não me chamarei mais Claudemira.

— Chame-se como quizer, Sr. D., mas deixe-me aqui no prato qualquer outra coisa.

— Não ha senão chame, voltem importunavel a Sr. D. Claudemira.

— Ora, isto não se atam, exclamou o senhor Conego, atamando o prato ao chão.

— Sr. Conego, olhe que não sou sua escrava; preciso mostrar-lhe mais delicadeza!

— E a Sr. D. precisa aprender a não desrespeitar a igreja. Onde está o vinho?

— Não ha vinho, acabou-se todo.

— E porque não mandou comprar o no armazem do Festeio e Bastos?

— Porque o Candidato, aquelle moço do sexto anno do medicino, esteve aqui, e disse que vinho é mau para a febre amarella.

— Sr. D., não me faça perder a paciencia. Onde já se viu comer-se cabeça de chareu? Como é que se deixa de pôr vinho em uma mesa? Não é por mim; mas, se apparecesse algum amigo, como poderia eu obsequiar-o, sem ter ao menos um copo de vinho para offerecer-lhe?

— Ora, o Sr. está se tomando muito impetientemente. Não posso aturar-o.

E a Sr. D. Claudemira levantou-se com arrebatamento e foi trancar-se em um quarto que dava para um jardim lateral.

No outro dia pela manhã, quando o Sr. Conego, depois de bater muito á porta do quarto, mandou apanhar-lhe, não encontrou a Sr. D. Claudemira.

Havia esta desaparecido sem deixar o mais leve signal de si.

Desde essa época vive o meu amigo profundamente desgostoso, e a quem quer ouvir-se conta como uma cabeça de chareu foi causa de estar passando amarguras os ultimos annos da sua vida.

FIM.

O QUE VAI POR AHI

Meus caros leitores: Apresento-me a vós pela primeira vez com a palavra e gesto de um deputado novo que estabou bem o discurso; mas por falta de habito oratorios, vou promettendo a gagueira... bato na fronte... e por fim expulso-se redondamente.

Uma chronica é coisa difficil de fazer-se, mormente quando um christão cheio de si, que poe com o talento e a propensão natural ser um bom sapateiro ou marceneiro, arrega-se em chabatisa, e escreve um ramalhete de disparates para offerecer-vos; e vós, que pagades... não tendes remedio senão tomar-lhe o cheiro para aproveitar-lhe o vosso dinheiro.

As novidades do dia em nada são interessantes.

Está bom peço fluminese atravessa a qualq'ra immortel das nossas glorias militares, como regularmente, conhecido sobre politica e sobre modas (arrepentado os cabellos, se é pae de familia); e tudo vai bem.

A não do Estado siagra garbosa por entre os parais das finanças, vindo desfeita a hormonal bormica que se formava ao horizonte do porvir.

O meu amigo João Camacho, homem encyclopedico e influencia real na sua freguezia fallu em quilo de ministerio; tem a man das reformas, e perde o seu tempo em discutir ass tollos, semelhante a muitos d'esses entes baptisados sumidades politicas, que tudo querem fazer pela palavra e nada pela accão.

Quilo ia eu me perdendo!...

Fallar da politica do paiz! Sã! A minha parocia não set contagiosa como a febre amarella, actualmente ja extinta. salvo o protesto de algum ataque d'essa enfermidade.

Os theatros camuham na estada do progresso; todos trabalham! Os comicos são que... Não sei se o leitor me entende.

A semina santa comen bem: as tradições solennidades da nossa religião foram postas em pratica nas diferentes igrejas, e... Deus não perdoe, leitor, na qualq'ra de enredos e uma penitencia muito encandadora. Em uma dessas flores dos tropicos, extalando o perfume da violeta: alta, esbelta e graciosa no porte e no andar. Sobre um rosto cor de jasmim dois bellos olhos negros: bolam com o coto da gente; e a bocheche tão minissa que mal se podia ver de longe. Um collo... nem achio um tempo para exprimi-lo, sobre o qual uma cruz de ebato pendente de uma fita preta debauxavase: graciosamente. A bella penitente trajava um vestido de veludo negro, e resguardava-lhe o rosto um ven da mesma cor.

Acompanhei-a a todas as igrejas onde oravam a beas. No templo ia eu vendo n'essa seductora toda o meu ideal de poezia, que é o ideal dos bathos e dos dandys.

Tinha-me visitado o ultimo templo, e eu ainda a acompanhava; á meia noite enfim chegamos á porta de uma casa da rua da Carioca.

Tinha ella notado a minha assiduidade, e parecia que havia gostado! Ia em companhia de dois moçinhos. Suppoz serem seus irmãos.

In eu tinha tomado o numero da casa na minha carteira, e dispunha-me a partir, quando ella voltou e levantando o véu para sorrir-me, a luz do gaz bateu-lhe em cheio no rosto, e vi... oh! não sei de moço como o conte! Em uma velha dessas que se pintam, leitor, e ainda tem pretenções; era feio como a consciencia de um peccador velho... Fugi aterrado, e ainda só-me ao couro a sua voz aguda, proferindo estas palavras: «Euteu, meus netos.»

Os Srs. legislas realmente devem tomar feito com a provincia de S. Paulo. Apesar da grande vantagem de possuir uma escola de direito, esta provincia vai apaixonando-se por ideias que são inteiramente oppostas ás dos legislas, e occupam-se de uma maneira assustadora com estudos de ferro, imigração e todos os ramos de melhoramentos matematicos. Tomen feito, Srs. legislas; é absolutamente necessario ensinar aos Paulistas que só palavras bastam para engrandecer um paiz.

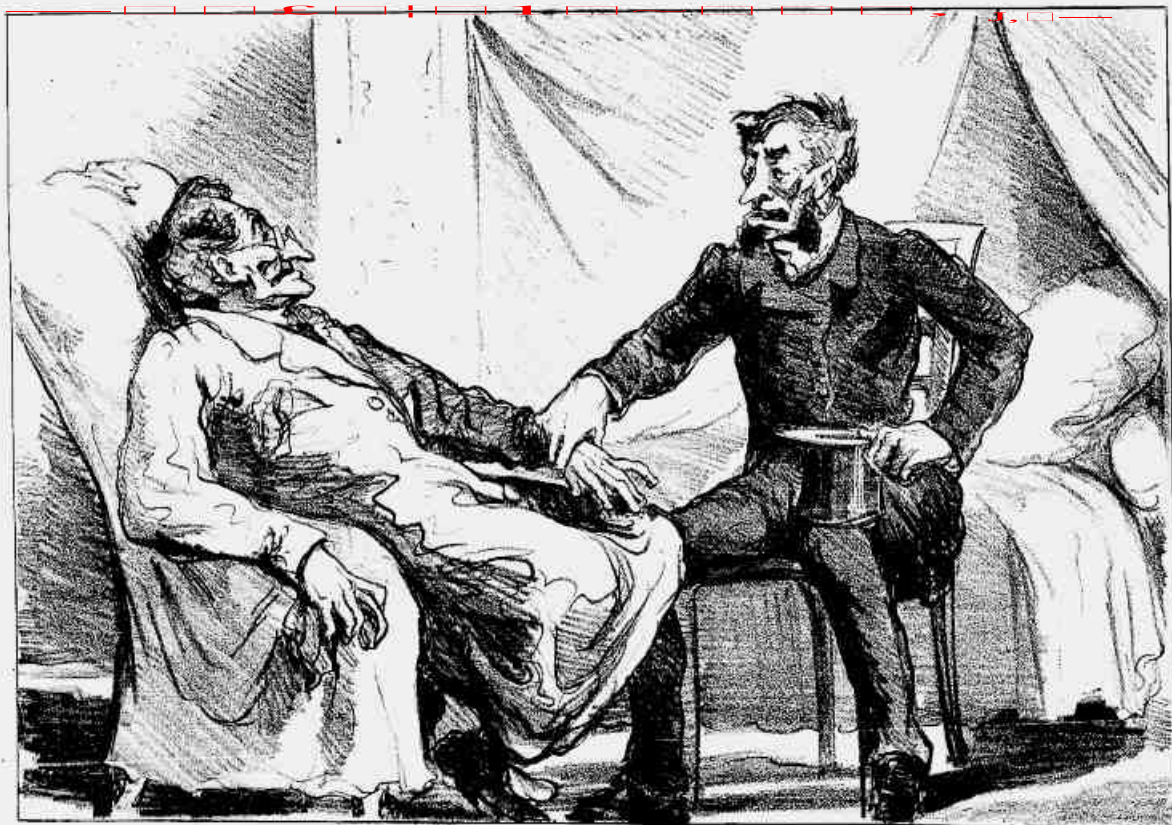
A Camelia Social agrathoe ao Sr. A. H. do Passal o exemplar do son d'ama a Puppillo dos Aveiras Nagnis, com que foi obsequiado. A falta do espaço não me permite fallar detidamente desta obra.

Estelino.

Typ. Rain d'Ajuda n. 16. Rio do Janeiro.



— Encarregados dos festejos com que se ha de celebrar a entrada das tropas victoriosas, os illustrados
muitos de obras elevam monumentos tao grandiosos, que o Conté d'Elu se ha de achar emboragado sem
alheir se devera passar por baixo ou por cima delles,



— Ah! Se. De., ha quinze dias que não bebo agua; estou com medo de morrer damnado...
— O senhor o que tem é uma seco-gastro-epidémica; e molestia que só poderá ser tratada pela redacção
da Reforma.